

HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Em meio à vida moderna de Brasília há quem consiga manter vivas as tradições regionais, como Teodoro do bumba-meu-boi, *Seu Beja* das ervas e os cantadores de viola

Acácio Pinheiro

MARCOS SAVINI

Francisco Stuckert



O Boi do Teodoro completa 30 anos "mais vistoso e animado" do que nunca

A tão falada mistura de culturas em Brasília, causada pela presença de gente de todos os estados que vieram viver aqui, até hoje não deu em muita coisa. Pelo contrário. A cidade é conhecida apenas como a capital do rock, a única expressão que realmente faz a sua fama por todo o País. Outros tipos de manifestações, especialmente as populares, enfrentam desde a falta de apoio dos governos até a diluição do público interessado. Festas e ritmos que em suas regiões de origem são garantia de grandes concentrações de pessoas, no Distrito Federal encontram platéias bem menores e dispersas. Ainda assim, há quem consiga manter certas tradições regionais vivas em meio à vida moderna e asséptica da capital, como o Boi do Teodoro, que completa em 95, 30 anos de farras do bumba-meu-boi em Brasília. Ou o *seu Beja*, com suas consultas na Farmácia Verde onde receita suas misturas de ervas. Outros, como o pessoal da Casa do Cantador, promovem cursos, a partir de agosto, para resgatar os cantadores nordestinos radicados no Distrito Federal.



Na Farmácia Verde, *Seu Beja* combina as ervas que vão prevenir doenças

‘As coisas que são do povo não morrem nunca’

Completando 30 anos como único e expressivo grupo de bumba-meu-boi de Brasília, o Boi de Teodoro nunca esteve tão vistoso e animado, como considera seu fundador, o maranhense Teodoro Freire. Desde sua mudança do Rio de Janeiro, onde funcionou por cinco anos até ser convidado pelo governo de Juscelino Kubitschek para participar do primeiro aniversário da capital, o grupo nunca mais recebeu nenhum apoio substancial do Governo, o que não impediu que esta festa do Maranhão encontrasse seu espaço em Brasília.

“Este ano o Boi está muito bem enfeitado. Não tenho mais medo de encontrar qualquer Boi do Maranhão para competir com o nosso, que já está velho, experiente”, diz *seu Teodoro* com satisfação. As melhorias cresceram de 92 para cá, com o grupo atingindo o seu máximo de participantes, 40 — entre nascidos, filhos ou netos de maranhenses. “Agora também nós temos uma bordadeira e uma costureira daqui, só dependemos do Maranhão para trazer de lá alguns instrumentos”, conta Teodoro.

A proximidade com o poder da capital do País faz os temas políticos e sociais uma constante nas toadas do Boi do Teodoro, a maioria composta pelo *seu Doca* com letras falando mal do governo: “Dinheiro ninguém tem, como é que podemos viver? Emprego ninguém não encontra, o salário devaneou. Eu só sei que tá sobrando, meu povo, é só para trabalhador”, recita ele o trecho de uma de suas músicas para o grupo neste ano.

Na área da cultura, Teodoro não deposita muitas esperanças neste governo de FHC: “Tenho certeza absoluta de que ele não vai fazer nada. Desde Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek que a cultura popular brasileira nunca mais foi a mesma. Depois deles, nenhum governo fez nada pelos folguedos e batuques. Não existe interesse em preservar nossa memória cultural, porque ela vem da escravidão, e se faz de tudo para a negritude cair no esquecimento. Mas estas coisas não acabam, porque passam de geração em geração, e o que é do povo não morre nunca”, diz. Mesmo ministros da Cultura competentes e preparados, e ele cita Antônio Houaiss e Aloísio Pimenta, não poderiam fazer nada, na sua opinião, pela cultura popular. “É um pessoal muito bom, mas que não sabe o que é um pandeiro, uma matraca, uma zabumba”. E Teodoro apresenta uma simples e boa razão para os governos apoiarem manifestações populares, principalmente em Brasília: “A capital do País precisa ter os seus grupos de folguedos para o pessoal estrangeiro ter o que ver das coisas da nossa terra. Mas nós mesmos só tomamos conta do que vem de fora”.

‘Plantas do cerrado são a nossa riqueza’

Receitando já há nove anos as combinações de ervas medicinais em consultas para qualquer pessoa que vá até a sua Farmácia Verde, em Brazlândia, *seu Beja* fala de um tempo em que os boticários eram os homens de confiança das populações do interior do País. Após estudar farmácia em Ubá (MG), em 1927, numa época em que seu pai teve de vender todo o gado da fazenda da família para pagar dívidas acumuladas após a passagem da Coluna Prestes pela região, virou um médico autodidata, chegando a realizar cirurgias e mais de 200 partos. “Aprendi na aventura”, diz ele. “Toda a vida eu fui independente em meu trabalho”.

Durante décadas, antes da construção de Brasília, *seu Beja* era obrigado a importar todas as tinturas para seus remédios do laboratório do Instituto de Biologia de São Paulo. Com um médico francês, aprendeu que poderia utilizar a vegetação da região para criar suas próprias fórmulas a partir da mistura de ervas que retira das matas do cerrado. Plantas de quintais ou de áreas próximas a estradas são proibidas: “Elas são poluídas”, considera. “Eu estudo muito sobre as plantas, e as do cerrado são a nossa riqueza”, completa. Os pequenos pacotes com as combinações de ervas são separados por fórmulas criadas para combater ou prevenir as mais diversas doenças: da diabete ou impotência sexual até simples resfriado. Estocadas em grande quantidade no depósito da Farmácia Verde, elas são a única fonte de retorno financeiro, pois *seu Beja* não cobra pelas consultas. “De pessoas pobres e crianças eu não cobro nada”, ressalva.

A Farmácia Verde, em seus nove anos de funcionamento, vem funcionando sem nenhuma ajuda do Governo, exceto na época da sua criação, através de um projeto do governo José Aparecido. “Mas ficou tudo por minha conta. Nessa vida, a gente trabalhando, sendo honesto e resistente, vai pra frente”, ensina ele. E acrescenta mais algumas coisas que considera fundamentais: “É importante ter educação, saúde e uma boa alimentação”.

Aos 87 anos, *seu Beja*, ou Benjamim Cristiano de Oliveira, passa seus dias entre as plantas de sua Farmácia Verde, à espera de qualquer um que apareça à procura de suas fórmulas de ervas. “Eu gosto deste passatempo, não agüento ficar à toa”. Trabalho é a sua palavra preferida e, além de farmacêutico e de cuidar de fazendas, chegou a ser delegado de polícia em Brazlândia por quatro anos, nos tempos da construção e inauguração de Brasília. Mesmo naquele tempo, em que facilmente poderia ter arranjado inimizades, ele se orgulha de não ter arranjado nenhuma antipatia séria: “Passei a vida só trabalhando com honestidade, não tenho nenhum inimigo”.